

EXPRESSO RECUPERAÇÃO: Mídias (locativas), espaços informacionais e estratégias de comunicação de jovens da Vasos de Honra nos ônibus de Belém

Maria de Nazaré Pereira dos SANTOS¹

Márcio Alexandre da Luz ASSUNÇÃO²

Keyla NEGRÃO³

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo desenvolver um artigo com resultados na execução de um projeto experimental em mini doc, que promova uma reflexão e processos descritivos sobre comunicação oral de jovens em processo de recuperação, ingressos no Casa de Acolhimento “Vasos de Honra”. Jovens que, cotidianamente, atuam na cidade da Grande Belém em ações de comunicação popular nos coletivos urbanos. As histórias desses jovens são os materiais que explicam as interações sociais entre juventude, sociedade/cidade, instituições (não governamentais) no processo de ressocialização, que têm a comunicação como uma tarefa motivadora de recolocação de suas identidades sociais. Nosso foco é fazer uma discussão dos ônibus como mídia, que transportam e promovem interações e espaços de comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; mídias-ônibus; cidade; juventude.

1- INTRODUÇÃO

Esse trabalho visa compreender o ônibus, coletivos de transporte urbano, como uma mídia, que possibilita o trânsito entre informações, imagens, conversas, processos, de comunicação, articulados por sujeitos, jovens em recuperação residentes do Casa de Acolhimento “Vasos de Honra”⁴, localizado atualmente na Estrada do Murinin, município de Benevides, região metropolitana de Belém, que abriga jovens e executa as ações de

¹ Estudante de Comunicação, habilitação em Jornalismo na Estácio- Fap/Belém-Pa. Email: nazanamy@hotmail.com

² Estudante de Comunicação, habilitação em Jornalismo na Estácio- Fap/Belém-Pa. Email: marciosjc2011@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Jornalista, Dra. Em Ciências da Comunicação (UNISINOS), pesquisadora dos temas da Comunicação e da Cultura, das Mediações e Processos Sociais com ênfase nos problemas amazônicos. Email: k.negrao@uol.com.br

⁴ Vasos de Honra é uma Comunidade Terapêutica, localizada na Estrada do Murinin, s/n, zona rural do município de Benevides, Grande Belém, que possui projetos e ações voltadas à recuperação de pessoas em processo de dependência química.

ressocialização com formação para habilidades de comunicadores, que exercitam a palavra nos coletivos da capital paraense.

Nosso celeiro de objeto transita, então, nas relações entre Comunicação, cidade em movimento e juventude. E o vetor de articulação entre esses campos é a mídia ônibus. Para essa compreensão que articula uma complexidade de processos, alguns autores serão visitados. Maffesoli (1996) e Bauman (2005) nos ajudam a pensar que identidades se processam nesse trânsito de comunicabilidade; Pedro Gilberto Gomes (1996, 2016) nos ajuda a pensar a complexidade do processo comunicacional, a partir de engajamento de algumas vozes nessa *midiatização* das ações da juventude na cidade/ônibus. E Lúcia Santaella (2008) nos ajuda a refletir e problematizar a mídia “Ônibus” como um lugar *híbrido* da comunicação contemporânea, que reúne várias linguagens e processos de formações socioculturais em que a juventude se torna protagonista. Ao longo do trabalho essa reflexão caminha para fornecer caminhos metodológicos para pensarmos essa teia comunicacional que articula tecnologia de mobilidade (SANTAELLA, 2008), *espaços/territórios informacionais* (LE MOS, 2016,) como sendo referências norteadoras de nossa investigação.

Nós optamos por uma pesquisa de construção de processos/qualitativa, portanto, não de análise de imagens e linguagens e/ou conteúdos de oralidade. E vamos levar o leitor a uma visita à “Vasos de Honra”, e por meio de entrevistas abrir algumas histórias necessárias a compreender o contexto dessa comunicação popular, empreendida por jovens em recuperação dessa instituição filantrópica sem fins lucrativos nos ônibus da cidade de Belém do Pará. Essas histórias de vida são elementos indispensáveis para construirmos uma trajetória da comunicação produzida nos Ônibus, que se transformou na plataforma locativa da comunicação da juventude na capital paraense. Vamos embarcar nessa viagem!!!

1.1 - Contextualização do tema

O nosso objeto de estudo serão ações de comunicação do Centro de Acolhimento “Vasos de Honra”, que é um Instituto sem fins lucrativos, e seu foco principal é voltado para a recuperação de adolescentes, jovens e adultos, bem como egressos do sistema penitenciário, que são vítimas de dependência química e que residem nas periferias da cidade de Belém. A casa atua com projetos sociais para a recuperação desses dependentes

químicos e a reintegração dos mesmos às suas famílias e a sociedade. Segundo o Presidente Fundador do Centro de recuperação, Roberto Alves diz que “o meio de manter o Centro é preparar essas pessoas para que voltem a ser inserida na sociedade através de trabalhos voluntários com vendas de adesivos para sustento e manutenção do próprio local”.

A nossa pesquisa iniciou, quando observamos as falas/intervenções, com forte apelo religioso desses jovens em processo de recuperação, como forma e meio de comunicação dos ingressos do Centro de Recuperação “Vasos de Honra” em suas atuações nos coletivos urbanos da cidade Belém, capital do Estado do Pará.

Nosso produto epistêmico não consiste simplesmente na definição conceitual e concreta do objeto empírico, mas sim de estabelecer uma análise das conexões dos fenômenos sociais ou manifestação dos *Ethos* público, conforme enfatiza Benedetto Vecchio sobre a fala do Sociólogo Zygmunt Bauman:

Suas reflexões são um trabalho em desenvolvimento, e ele nunca se contenta em definir ou “conceitualizar” um acontecimento, em vez disso procura estabelecer conexões com fenômenos sociais ou manifestações do *ethos* público que parecem muito distantes do objeto inicial da investigação, e tecer comentários sobre eles. (Vecchio, 2005, p.7-8)

Nesse sentido, da construção de um objeto em movimento (que é investigado, enquanto se processa), vamos tentar compreender o que instiga esses jovens escolherem os ônibus para divulgarem o centro de recuperação a que pertencem, suas propostas e necessidades, e de como eles se apropriam da comunicação oral como dispositivo de persuasão do seu público ouvinte, no caso, são os passageiros usuários dos coletivos.

1.1.2 - Expresso da História: Belém em movimento

Para aprofundarmos essa nossa perspectiva de estudo e investigação, vimos a necessidade de conhecermos a história da cidade de Belém que foi fundada em 12 de janeiro do ano 1616 por Francisco Caldeira Castelo Branco. Os alicerces da cidade foram lançados no lugar hoje chamado de Forte do Castelo. Ali edificou um forte de paliçada, em quadrilátero feito de taipa de pilão e guarnecido de cestões. Essa fortificação teve inicialmente o nome de Presépio, hoje o histórico Forte do Castelo. Em seu interior, foi construída uma capela, sendo consagrada a Nossa Senhora da Graça. Ao redor do forte

começou a formar-se o povoado, que recebeu então a denominação de Feliz Lusitânia, sob a invocação de Nossa Senhora de Belém. Fonte: PMB/IBGE.

O Município de Belém possui 1.446.042 habitantes (IBGE, estimativa 2016), o que representa 59,70% da população de toda a Região Metropolitana de Belém, apresentando uma densidade demográfica de 1.364,88 hab/Km²(IBGE, estimativa 2016) distribuídos em uma área de 1.059,46 km², ou 50.582,30ha, composta por uma porção continental correspondente a 34,36% da área total, e 39 ilhas que compõem a região insular que ocupam 65,64% do território municipal, configurando-se como uma península, dividida em 8 Distritos Administrativos e 71 bairros, segundo o Plano de Mobilidade Urbana de Belém – PLANMOB⁵. Conforme estimativa do IBGE⁶ do ano de 2016, a capital do Pará é o 12º município mais populoso do Brasil. Belém foi a primeira capital da região norte do Brasil. Banhada pelo rio Guamá e pela Baía de Guajará, é quase uma península com apenas uma via de acesso de entrada e saída que é a BR316.

Nos seus 400 anos a cidade, também conhecida como “cidade das mangueiras” possui mais de um milhão de usuários de ônibus, 173 linhas e mil e trezentos ônibus que circulam diariamente pelas ruas e avenidas de Belém, segundo dados da Semob⁷ (Superintendência Executiva de Mobilidade Urbana de Belém) que atua em ações de organização do trânsito, estabelecimento de normas, educação, controle e fiscalização.

Essa cidade, que completou seus 400 anos, traz em sua história a história da evolução dos transportes como mídia de conexão entre a cidade que têm seus problemas estruturais de sinalização e formas de expansão demográfica e territorial, mas ainda assim conseguimos pelas vias transitadas por ônibus, carroças, bicicletas, vans, carros de luxo, pedestres, sentir que a noção entre CENTRO X PERIFERIA é, talvez, uma imposição simbólica em muitos sentidos. Isto, pois a cidade de Belém sofreu os impactos da revolução dos transportes, e desde a Belle Époque⁸, vem pelos fluxos demonstrando quão contradições há entre sujeitos

⁵ A Secretaria de Mobilidade Urbana de Belém faz uma ação articulada de planejamento em várias áreas do desenvolvimento urbano, que envolvem às questões de acessibilidade, trânsito, entre outras. Mais informações ver em: www.belem.pa.gov.br

⁶ IBGE divulga dados quantitativos e qualitativos, itens que medem, entre outras coisas, questões estruturais da vida urbana. Ver mais em: sobre site: www.cgp.cfa.org.br/ibge-divulga-as-estimativas-populacionais-dos-municipios-em-2016/

⁷ Semob (Superintendência Executiva de Mobilidade Urbana de Belém) que atua em ações de organização do trânsito, estabelecimento de normas, educação, controle e fiscalização.

⁸ Época áurea da exploração da borracha na Amazônia, XIX-XX. Os esforços econômicos dessa atividade extrativista gerou mais dividendos à região amazônica, o que teve impactos sobre os modos de vida na cidade, que respirava ares de capital europeia, e ostentava na arquitetura, sobretudo, a riqueza desse período. Ver mais em Cidade Sebastiana de Fábio Fonseca de Castro. Já nesse período, as contradições entre a vida rica dos donos do capital e as emergentes periferias já eram interdadas nos discursos da história.

da mesma cidade.

1.2 - De que Juventude estamos falando



Foto 1: Márcio Assunção/Nazaré Santos. Dias de lazer e confraternização fazem parte do cotidiano de jovens em processo de recuperação (Arquivo do Centro).

Observamos em nossa investigação a importância de compreendermos os sujeitos da comunicação, e compreender, então, como o jovem está inserido no contexto da desigualdade social, muitos por falta de oportunidade acabam-se deixando influenciar e cometendo vários atos infracionais nas grandes cidades. Com a exclusão social conduz a maioria desses jovens a se marginalizar e reconstruir suas próprias identidades numa sociedade de muitos *aphartheides*. Como furar os bloqueios? Sobre esse assunto a Filósofa Rosana de Lima Soares ressalta o contexto da sociedade brasileira:

(...) nos grandes centros urbanos brasileiros com seus contrastes e condições, e ainda (...) esse movimento apresenta uma inovação em relação a forma de tematizar a desigualdade econômica e os problemas sociais brasileiros” (SOARES, 2009: p.206,215)

Para aprofundarmos ainda mais a nossa pesquisa, entendemos ser necessário analisarmos alguns fatores que vislumbrassem a realidade sobre a condição sociocultural-

econômica da juventude do município de Belém como formadora de suas bases de comunicação. E para isto, pesquisamos dados estatísticos, bibliográficos sobre a população jovem de Belém; índice de desemprego e a relação da juventude belenense com tráfico de drogas.

Procuramos saber informações sobre dados estatísticos da população jovem de Belém, e percebemos que a capital paraense apresenta uma população de 524.901 jovens, conforme senso do ano de 2010, fornecido pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Segundo informações do DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudo), a última estatística feita da taxa de desemprego foi no ano de 2016, e o município de Belém apresentou um índice alto de desemprego de 12,8% inferior a taxa de 2015 que apontou 13,6% a pesquisa indica 1,1 ponto porcentual atual. A renda média habitual dos paraenses ocupados também caiu em relação ao primeiro trimestre deste ano em relação ao ano de 2015, passou de R\$ 1.386 para R\$ 1.305, ou seja, houve uma perda de 5,8%. Pesquisamos ainda informações que justificassem a estreita relação de jovens com tráficos de drogas, e assinalamos uma reportagem jornalística que afirma:

A capital paraense, semelhante aos grandes centros urbanos do Brasil, vem sendo vítima das organizações criminosas, que estão se expandindo na cidade. Nos últimos anos, Belém amarga altos índices da violência urbana, que a cada dia faz refém pessoas de todas as classes sociais. Pela sua localização geográfica, a cidade é rodeada por regiões periféricas: o berço do crime, que aos poucos, conquista território em todos os bairros da região metropolitana⁹.

Conforme estudo “Narcotráfico na Metrópole: Das redes ilegais à ‘territorialização perversa’ na periferia de Belém”, produzido pelo professor e pesquisador da UFPA, Dr. Aiala Colares Couto aponta que uma parte da droga é comercializada em cidades amazônicas:

E aí temos Belém, que além de ser uma cidade que se apresenta como rota internacional do tráfico, exerce também a função de mercado consumidor em meio a um comércio de entorpecentes que se realiza em sua periferia dispersa e por toda a sua região metropolitana”.

(...) que uma parte da droga chega de barco, transportada por “mulas” - pessoas que atravessam a droga de um país a outro. Na verdade, o rio se

⁹ Ler mais matéria na íntegra em: <http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2015/06/violencia-e-tema-de-audiencia-publica-em-belem.html>

tornou um dos elementos centrais do tráfico de drogas em função do potencial de camuflagem' em meio às fiscalizações dos órgãos de segurança públicas federais e estaduais. (Couto, 2009: 167 p.)

Segundo o mapa da violência (2016)¹⁰, Belém ocupa o primeiro lugar entre as cidades do Norte a ter mais casos de morte por armas de fogo. A maioria das vítimas e/ou homicidas são jovens de 19 a 25 anos. E em meio a uma realidade que alguns já comparam com guerras civis, onde milhares matam e morrem, existem alguns programas de assistência social dos governos municipal e estadual de ressocialização de menores, conforme obriga o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA)¹¹, existem abrigos de jovens sob medidas tutelares relacionadas a crimes. Mas em caso de Jovens em situação de dependência química (álcool e drogas) há uma situação insuficiente para atender às demandas que são da cidade ou vêm de outros municípios ou Regiões a Belém em busca de auxílio e tratamento específico¹².

A Prefeitura de Belém trabalha com a Proteção Social Básica, que é responsável pelos Cras e Cad Único / Bolsa Família, Zoé Gueiros (Centro de Convivência dos Idosos); com a Proteção Social de Média Complexidade, responsável pelos Creas, Centro Pop, Centro Dia (população de rua / abordagem de rua e exploração sexual / pessoas com deficiência). A capital, também através da Funpapa, tem ainda o serviço de Proteção Social de Alta Complexidade, que é responsável pelos abrigos (pessoas em situação de rua), abrigos (crianças e adolescentes), abrigo (mulheres violentadas), abrigo (adolescentes que cumprem medidas protetivas) e, também, com o serviço de Proteção em Situação de Calamidade Pública e Emergenciais (Sicape), responsável em atender às famílias que foram vítimas de incêndio¹³.

Nesse bojo, a sociedade civil busca, seja por ações assistencialistas de auxílio material (sopão, bazares, etc) ou voluntárias de saúde busca também participar desse tipo de engajamento, no sentido de promover ações para trabalhar a juventude na sua condição de marginalização e criar espaços para recuperação. É desse contexto que nosso trabalho se

¹⁰ O Ministério da Justiça em parceria com Secretarias de Segurança dos estados federados brasileiros realiza um levantamento sobre as estatísticas da violência nas cidades. Dessa parceria e ações de medidores qualitativos e quantitativos é divulgado o mapa da violência. Um mapa que traz o panorama da violência sob alguns aspectos, como mortes por regiões, municípios, capitais e porque meios de violência essas mortes acontecem.

¹¹ Em Belém, a prefeitura do município atua na assistência a jovens em recuperação em casos de dependências de drogas, álcool, de combate à violência em geral. As Fundações, os aparelhos do PRO- PAZ também compõem esse complexo de órgãos e programas públicos de assistência, Centros como o Centro de Apoio Psicossocial (CAPSI), abrigos ordenados por sexo e faixa-etárias que atendem às demandas locais.

¹² Ver mais matérias e informações produzidas pela Comus, órgão oficial de Comunicação da Prefeitura de Belém.

insere, e é especificamente, dessa juventude que vive na grande cidade e que passa por esse tipo de tratamento de saúde e ressocialização e, nesse processo encontram na comunicação uma ação humana de reconexão (transformadora) com a sociedade.

1.3 - O caso a Vasos de Honra: Comunicar para mobilizar

Tomamos conhecimento Centro de Recuperação “Vasos de Honra” é um Instituto sem fins lucrativos, e seu foco principal é voltado para a recuperação de adolescente e adultos viciados no álcool e drogas ilícitas e até ex- presidiários, que vivem nas periferias da cidade, e a casa atua com projetos sociais para a recuperação, segundo o Presidente Fundador da casa de recuperação Antônio Alves diz que o meio de manter a mesma é preparar essas pessoas para que voltem a ser inserir na sociedade através de trabalhos voluntários com vendas de adesivos para sustento do próprio local, e essa ação resulta em ações de comunicação dos jovens nos coletivos.

2- ANUNCIANDO UMA PROBLEMÁTICA

A partir dessa perspectiva, podemos pensar esses jovens como sujeitos de comunicação/representação de uma ação transformadora social? E como esses sujeitos usam a mídia/ ônibus como meio estratégico dessa missão comunicativa?

Já vimos que a revolução dos transportes e expansão das cidades são fenômenos intimamente ligados, assim como as circunstâncias que envolvem a juventude numa teia de violência e situações de vulnerabilidade nas grandes cidades, como Belém. Mas ao mesmo tempo, a partir de um caso das ações de comunicação da Vasos de Honra, podemos apontar algumas alternativas de recomposição das identidades sociais dos jovens por meio de exercícios de ressocialização, que usam entre outras ferramentas, a comunicação nos coletivos para construção de um cenário de inserção na sociedade, no mundo.

3- DIALOGANDO COM TEORIAS: O ÔNIBUS É A MÍDIA, E OS SUJEITOS COMUNICAM

Nesse sentido, vamos discutir, a partir de observações empíricas, as ações de Comunicação da Vasos de Honra nos coletivos, compreendendo os ônibus como mídia. Saímos de uma geração em que o efeito *zapping* fixava fronteiras entre a conexão rápida do mundo físico dos usuários de tecnologias com o mundo midiático, em que já tínhamos o

poder de escolha dos canais pelos usuários; e hoje, estamos num contexto de globalização e transformações tecnológicas em que essas fronteiras entre virtual e físico, entre físico e ciberespaço não são mais um problema cultural, é um processo comunicacional/informacional com inúmeros fenômenos culturais da chamada cultura digital.

Lúcia Santaella em “A ecologia pluralista das mídias locativas” (2008) discute um novo horizonte da cultura digital em que as tecnologias permitem uma mobilidade, uma portabilidade de informações por meio de mídias locativas, *tecnologias mobile*, por exemplo, modos inteligentes de fazer os sujeitos se sentirem sempre em movimento, sempre conectados com o mundo, com outros sujeitos, como veículos ambulantes de dados, com novas sensibilidades diante de um mundo que sempre está em conexão e movimento. Sobre isso Souza e Silva:

Os espaços híbridos combinam o físico e o digital num ambiente social criado pela mobilidade dos usuários conectados via aparelhos móveis de comunicação. A emergência de tecnologias portáteis contribui para a possibilidade de estar constantemente conectado a espaços digitais, e literalmente à internet, onde se quer que se vá. (Souza e Silva, 2006:27 p.)

Ou seja, podemos pensar a viabilidade de um caminho metodológico da relação entre práticas sociais e tecnologias sem fronteiras entre mundo físico e ciberespaço, onde o ônibus pode ser também esse lugar de mobilidade social que agrega multiformas de comunicação físicas (orais, visuais, etc) e digitais.

E no universo que estamos estudando, podemos pensar o ônibus como uma tecnologia móvel com interfaces sociais. Pensar o ônibus como uma mídia convergente de linguagens, interações sociais, circuito de conversas e visualidades internas e externas e sempre, sempre em movimento. Uma mídia que circula entre centros e periferias, transportando cidadãos também periféricos ou não. O ônibus é uma mídia que coloca em movimento nossos modos de sentir, perceber a cidade, coloca os cidadãos em constante performance comunicativa, percebendo a cidade e se colocando como personagem da cidade. Mas no caso desses jovens, não basta ser mais um cidadão, é necessário transformar.

Hoje, estamos em movimento sem sair do lugar físico, assim como reconfiguramos o mundo em movimento, quando acionamos abas diferentes em aparelhos portáteis

capazes de fazer sumir fronteiras entre culturas, territórios, valores, criando o que André Lemos (2016) chama de *espaços informacionais*. As mídias já não são mais extensões do homem, mas dão a sensação ao homem de serem as próprias mídias, sendo emissor, receptor, meio e condutores e recondutores de mensagens ao mesmo tempo e a todo tempo nas suas rotinas cotidianas. Hoje acordamos com dispositivos de mensagens, aliás, nem dormimos ou dormimos a eles conectados: alarmes, lembretes, mensagens, etc.

No entanto, é importante ressaltar que esses autores destacam que as ações sociais, como diz Santaella (2008), *pluralistas*, coadunando com Padre Pedro Gilberto Gomes, ressalta as *múltiplas vozes* dos processos comunicacionais é que é o diferencial de uma nova ecologia societal em que homem e máquinas se movem juntos para o mundo transformar.

Partindo desses pressupostos teóricos e nossas observações empíricas, voltamos a questão: Como os jovens se tornam sujeitos capazes de transformarem suas ecologias sociais, a partir da comunicação estrategicamente pensada para o ônibus, como *mídia locativa*?



Foto 2. Jovens do Centro. O time dos aptos a divulgarem o Vasos de Honra nos coletivos urbanos de Belém (Arquivo do Centro)

3.1- Comunicação, Cidade e Juventude: Comunicar para mudar o jogo nas cidades

Ao analisarmos a atuação comunicacional desses jovens em espaços de mídias

locativas, no caso dos ônibus que circulam pelas ruas e avenidas da grande Belém, percebemos o resgate e/ou a reconstrução de suas identidades, processos de *identificações* como forma de ressocialização, onde os mesmos enxergam aquele espaço como se fossem *ágoras*, num papel de interferência na cidade. São espaços que “tornam-se agentes e produtores de interferências comunicacionais capazes de influir sobre hábitos e formas de percepção da cidade” (PRYSTHON, 2006).

Notamos que o espaço interno dos ônibus, como expresso impregnado pela fluidez da comunicação interpessoal, virtual, *mobile* e publicitária se torna um espaço adequado e para a comunicação desses jovens/residentes como processo paulatino de recuperação, porém ao mesmo tempo, facilitador para sua inclusão social, “(...) hoje o discurso do “politicamente correto” não fala em transformação, mas em inclusão social” (PRYSTHON, 2006). A comunicação informacional empoderada de forte apelo religioso e familiar atenua a visão estereotipada e estigmatizada de como esses jovens são percebidos durante seus acessos aos coletivos urbanos, e isto, devido á ambiguidades, fragilidades identitárias causadas, talvez, pela dependência química, que quase sempre é um vetor para a exclusão social.

A cidade como centro urbano para os jovens demonstra um universo em que a liberdade para se expressar e expor seus pensamentos e ideias fortalecem seu processo de comunicação móvel, onde as ruas e avenidas como percurso de cada ônibus lhes propõem um tempo, onde seus ponteiros são as paradas para subida ou descidas de passageiros, delimitando assim um período quase que exato para produzirem informação e comunicação, algumas vezes interativa e participativa como os usuários presente naquele percurso.

É na cidade que é visualizada as imagens de pessoas em estado de vulnerabilidade social observada através das janelas desses coletivos urbanos de Belém em trânsito pelas ruas e avenidas “tais personagens, portanto, podem ser pensados como figuras de passagem, sempre em trânsito, circulando entre mundos distintos sem se fixar a eles” (PRYSTHON, 2006). A cidade para esses jovens retrata uma triste realidade que contextualizada através das experiências vividas nesse contexto, fortalece sua comunicação abordando também temas de desigualdades sociais dentro dos ônibus. Esses contextos urbanos nos lançam á narrativas sobre a cidade desigual. Enfatiza a autora: “Esse movimento apresenta uma inovação em relação á forma de tematizar as desigualdades econômicas e os problemas sociais brasileiros...” (PRYSTHON, 2006).

É de conhecimento dos residentes da Casa de Acolhimento Vasos de Honra de que

grande parte das pessoas que necessitam de ônibus são pessoas assalariadas e que geralmente residem em zonas periféricas ou próximas, e que de alguma forma tem aproximação da circulação do comércio de drogas e conhecem jovens inseridos nesse contexto de dependência química, podendo ser um vizinho, um amigo ou até mesmo um parente, pois afinal de contas, a relação dos jovens com as drogas quanto a desterritorialização no que se refere a produção e consumo, sendo uma problemática visível tanto na periferia, na cidade, nos campos ou nos países de Primeiro Mundo. A cidade é contradição como lugar e expressa a contradição da identidades que circulam, interagem: “(...) não há nenhuma estranheza em se encontrar o campo na cidade e a cidade no campo, o rural no urbano e o urbano no rural, a periferia no centro e o centro na periferia, o Terceiro Mundo no Primeiro Mundo e o Primeiro no Terceiro” (PRYSTHON, 2006).

Devido a poucas políticas públicas por parte dos governos voltadas para a assistência de jovens em dependência química, famílias buscam ajuda em acolhimento na religião com a esperança de um socorro espiritual como forma de guia para fins de libertação, transformação e recolocação desses jovens em sociedade como processo de ressocialização. E nesse contexto, a força da comunicação como ferramenta de transformação social surge como uma força indispensável às análises dessas atuações desses jovens na sociedade, reconstruindo endereços, identidades, lugares, laços afetivos, etc. Enfim, recolocando-se no mundo.

4 - TRILHAS METODOLÓGICAS

Criamos, metodologicamente, uma trilha empírica para pensar o conceito de *mídia locativa* como uma mídia capaz de transportar mensagens, sujeitos, processos, símbolos, conversas, promovendo interações nos fluxos da cidade, ou seja, comunicação estratégica em movimentos literais e movimentando cenários e formações *híbridas* durante os percursos da comunicação dos jovens nos coletivos.

4.1- Objetivo:

Promover reflexões, a partir de espaços **interacionais/informacionais (em vídeo de bolso)** entre jovens em recuperação do Vasos de Honra e as ações nos ônibus de Belém, visando apontar fatores estratégicos que resultam em *identificações* desses jovens com a

sociedade urbana. O suporte metodológico para construção do nosso material de análise será a produção de um mini doc experimental.

4.2- Técnicas de abordagem: Núcleos de abordagem:

- a) Uma abordagem interna (e fixa) por meio de entrevistas com jovens internos no Centro de recuperação Vasos de Honra, para produção de uma descrição dos sujeitos (jovens) e conexões com suas origens e a instituição em questão.
- b) Uma abordagem externa (móvel) por meio de acompanhamento de alguns jovens nas suas jornadas de ações de comunicação nos ônibus de Belém.
- c) Produzir imagens fixas e em movimento, a fim de estabelecer conexões entre as estratégias de comunicação dos Jovens da Vasos de Honra e as Mídias locativas.

4.2.1- Algumas perguntas para os jovens no Abrigo

- a) Quem lhe trouxe, porque lhe trouxe e como você chegou na Vasos de Honra?
- b) Você percebe hoje mudanças na sua vida? Sinais de recuperação? Quais e Como se sente?
- c) Como você participa da Comunidade interna?

4.2.2- Algumas perguntas para o jovem na atividade nos ônibus

- a) Há quanto tempo você faz (foi habilitado) essa tarefa?
- b) Você se sente preparado para essa exposição?
- c) O que você tem que falar, em quanto tempo, e como acha que se sente executando essa tarefa? Percebe mudanças em você?
- d) Você é avaliado por isso? Que experiências leva disso? e- Pensa no futuro? Essa experiência pode ajudar?

4.3- Diário de Bordo: pensar sobre as práticas, relatos de experiência

Diante da nossa observação empírica, percebemos a atuação desses jovens nos ambientes dos coletivos urbanos de Belém, e passamos a refletir sobre as seguintes questões: em que contexto sociocultural esses jovens comunicadores estão atuando, que propicia a ele

um certo domínio e competência como um elaborador (agente social) estratégico de comunicação nos coletivos de Belém? Para isto, lançamos mão da ajuda do professor Pedro Gilberto Gomes, que diz:

É necessário desenvolver uma compreensão de como a crescente expansão dos meios de comunicação muda nossa construção da cultura, da sociedade e das diferentes práticas sociais. Nessa perspectiva, a midiatização é usada como conceito para descrever o processo de expansão dos diferentes meios técnicos e considerar as inter-relações entre a mudança comunicativa dos meios e a mudança sociocultural. (Gomes, 2016, p.1).

Notamos ainda, a articulação que se processa na comunicação oral vociferada pelos jovens com forte apelo religioso, como estratégia de persuasão. O professor Wilson Gomes, expondo o pensamento do filósofo Chaïm Perelman, ressalta que:

(...) retórica é o sinônimo de falsa afetação estilística fundada na mentalidade de que basta o domínio de expedientes linguísticos (a prescindir na verdade ou qualidade dos argumentos) para a produção do convencimento pelo discurso.

E mais:

(...) propôs a recriação da disciplina científica retórica, cujo o objeto seria a atividade retórica, entendida esta última em seu sentido mais antigo como a arte e persuadir da linguagem” (Gomes, 1996, p.2)

Observamos que o domínio da capacidade e um conjunto de habilidades oratórias, contextualizada através dos fortes apelos religiosos desses jovens os caracteriza como lideranças nesse processo de construir processos de comunicação como formas de se reconduzirem à sociedade, de exercer do lugar marginal a possibilidade da chance de recuperação. A instituição “Vasos de Honra” que tem como finalidade provocar um efeito positivo aos cidadãos sobre esses jovens em testemunho de vida, os forma para essa missão de sujeitos missionários da recuperação da juventude. Sintonizando com isso, o professor Wilson Gomes (1996) no texto “Estratégias de produção de encanto: o alcance contemporâneo da poética de Aristóteles” traz à baila um pensamento do filósofo sobre a pragmática da representação/comunicação:

Mas a “dinâmica” aristotélica é curiosamente muito “pragmática, na medida em que aquilo que um tipo de representação está convocado a realizar chama causa necessariamente o digamos assim, receptor da

representação (espectador, ouvinte e leitor). É para ele (obviamente também para os produtores enquanto são igualmente receptores) que a representação existe, realiza-se, atualiza-se. Sem ele, não há representação. (...) assim, se cada gênero de representação tem uma própria *dynamis*, isto quer dizer que se destina a provocar um efeito específico sobre seus fruidores/receptores (Gomes, 1996: p.9)

Estamos lidando com um processo comunicacional em que a ação da transformação dos sujeitos, recomposição de suas histórias, *identificações* passam por eles interagirem em movimento, construindo novas relações socialmente definidas no espaço dos ônibus, na formação na ong “Vasos de Honra”, e nas relações que vão se reconstituindo com as famílias, entre outras. De modo que é um jogo de relações, e um jogo estrategicamente definido por regras que têm como parâmetros o mundo em movimento, onde em cada viagem uma palavra atinge um passageiro, um jovem atinge uma meta.

4.4- DOC dos anônimos

Nossa experiência com produção de vídeo documentário é quase nula. E inseridos nesse cenário de movimento, até certo ponto desconhecido nesse contexto, fez dessa produção mais que uma obrigação, um desafio, técnico e pessoal. Todos os dias trafegamos de ônibus, cortando a cidade, indo e vindo para muitos lugares, mas com essa missão de acompanhar um dia da rotina de um jovem interno na sua tarefa nos coletivos, isso é novidade. Somos anônimos nessa cena. E para os passageiros, esses jovens também são anônimos, são conhecidos (apenas) pela marca da camisa que os faz serem reconhecidos pelas suas práticas.

Filmamos em dias alternados no Casa Vasos de Honra (jovens, alguns familiares, o fundador da ONG) e um dia acompanhando o jovem Leandro nos coletivos, durante o trajeto Murinin/Benevides até Entroncamento, divisa com Belém. E essa experiência traz essas experiências cotidianas dele e nossas e dos passageiros.

Para montar essa história contamos com uma assistência técnica de um colega de Faculdade, o documentarista Afonso Galindo, para nos ajudar a montar as pontas de tudo que vimos, capturamos e sentimos...

4.4.1- DOC: uma experiência locativa

Para resolver experimentalmente, empiricamente nossas questões levantadas, propomos a realização de um mini doc, mas não sobre a história do Centro, nem da missão social de recuperação dos residentes, nem aprofundar os aspectos identitários conceituais, mas construí-los na prática. Nosso Documentário de bolso busca os jovens em missão de comunicação, em movimento, e entender essa comunicação no movimento, nas práticas diárias de um jovem nos coletivos, acionando de seus lugares em movimento variadas formas de se comunicar com a sociedade, com o mundo. Palavra de ordem do nosso DOC é mobilidade de sujeitos. Como esses jovens se movem nessa missão é nossa tarefa construir, enxergar e produzir as cenas, sem roteiro, só com lentes móveis, corações móveis, como diria Santaella (2008), com *sensibilidades* móveis. E como diria o professor André Lemos (2016), a mobilidade é uma necessidade quase existencial dos homens. Homem é movimento e movimento é comunicação.

Nossa inspiração no contemporâneo, paradigmático “Edifício Master” de Eduardo Coutinho¹³, o que nos inspira são as emoções das pessoas, desses sujeitos, como eles movem isso e transformam em comunicação. Sujeitos na frente sempre. Anônimos, mas protagonistas da vida cotidiana. E o que move esse protagonismo é a comunicação. Eles estão novamente vivos no mundo e para o mundo por meio da comunicação, produzida de cada movimento deles, no Centro, nos ônibus, nas suas histórias em movimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa feita com jovens no Centro Vaso de Honra e suas relações com a comunicação/mídias locativas geram novos processos de identificações desses jovens nas suas etapas de recuperação. Fomos ao Centro e por meio de uma pesquisa de observação e ação participante, visitamos os internos, conversamos com o fundador do Centro, tivemos contatos com famílias, e, sobretudo, observamos esses processos de formação em movimento, nos coletivos. E essa breve, mas proveitosa convivência nos deu a oportunidade de sair do lugar comum em relação aos “mistérios” que envolvem uma instituição com a missão de ressocializar jovens em condição de dependência de drogas e álcool. E o que nos toca mais diretamente, é construir cenas nos ônibus como espaços de comunicação para

¹³ Filme documentário produzido por Eduardo Coutinho em um Edifício, com personagens que moram no Edifício e narram seus cotidianos, acionam memórias de suas vidas que passam pela História do Edifício Master.

ajudar a entender, perceber nessa transformação das identidades sociais de jovens missionários o papel da comunicação.

O Centro Vasos de Honra, hoje, tem 60 residentes, dentre eles jovens, adultos e mulheres. Podemos vivenciar de perto todo trabalho que tem sido feito pelos colaboradores, cada um desses jovens tem uma função e uma tarefa a ser cumprida na casa de recuperação. Tivemos a oportunidade de entrevistar vários jovens que disponibilizaram a falar, relatar, dar seus testemunhos de como conheceram o centro, e porque buscaram essa ajuda. Um deles que se chama Leandro, que por sinal é formado em Educação Física, nos chamou a atenção por ser uma pessoa com maior grau formal de instrução, mas exerce suas tarefas equiparado a outros, que só têm ensino médio incompleto. Esse jovem chegou a morar nas ruas e até comer lixo, e por um período de um ano ele se sentiu um verdadeiro lixo humano.

Ele, Leandro, conheceu o centro através de outra pessoa, e já estando lá, teve uma segunda recaída, e por pouco ele quase acabou sem volta, mas como ele mesmo disse “a recaída é pior do que quando você ainda não conseguiu sair das drogas”. A vida, as práticas que esses jovens exercem no Centro é de suma importância para a ressocialização entre eles e para reconstruir *identidades* que muitos ao chegarem em condições precárias de vida, chegam a desconhecerem-se a si mesmos.

Mas o foco de nosso trabalho é a comunicação como esse instrumento estratégico transformador nessa etapa de vida deles. Fica evidente em vários momentos que eles buscam nos coletivos construir uma comunicação coerente com a missão do Centro, que busca no diálogo, interações com a sociedade com um ritmo de movimento dos ônibus fixar uma mensagem de transformação, de esperança com cunho religioso presente, ou seja, uma oralidade quase mística, teatral, mas como diria Maffesoli (1996), a *teatralidade da vida cotidiana*.

Os transportes coletivos são uma plataforma coletiva, um veículo, um *médium/mídia*, que nos conduzem a uma ação multimídia, *híbrida*, articulando várias linguagens em movimento: a oral, a visual, as sonoridades internas do ônibus (rádios, conversas, aparelhos celulares, etc) e as externas, da rua, as visualidades que correm pelas janelas, como outdoors, trânsito, etc. E todas essas experiências de comunicação estão conectadas com as referências que esses jovens trazem do Centro Vasos de Honra, que começam a reconstituir também as interações fragilizadas com as famílias. Ou seja, o ônibus é uma máquina, no bom sentido, de produzir situações de comunicação, situações de práticas de vida, que

cruzam conhecimento, linguagens, imagens, sonoridades, conversas, referências imediatas e remotas, sociais, culturais. Ou seja, a noção literal de mobilidade que os coletivos nos remetem vale para ações simbólicas transformadoras. Assim, entendemos, no final das contas, que os ônibus são veículos/*mídias* que ajudam os jovens se reconectarem com o mundo.

E para nossa experiência devida como estudantes, como futuros profissionais do jornalismo conhecer os bastidores, apurar os bastidores dessa prática cotidiana nos ajuda entender suas falas dentro de um contexto mais amplo. Nos ajuda compreender que essa é uma ação que denuncia a situação da juventude das periferias das cidades, os contextos da criminalidade, essa etapa de tentativa de recuperação como uma ação institucional que existe, embora as dificuldades materiais existam mais ainda. Mas o que nos moveu a essa produção foi poder investigar, identificar e descrever esses processos. O que vai acontecer com futuro desses jovens não podemos idealizar, eles estão em processo de recuperação. O que nos coube como pesquisadores iniciantes foi remontar seus contextos de fala em vídeo, uma fala que se move nos ônibus e tem um papel de interação indiscutível com a sociedade.

6 REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed, 2005.

GOMES, P.G. **Midiatização**: um conceito, múltiplas vozes. IN: revista da FAMECOS- Mídia, Cultura e Tecnologia. Programa de Ciências da Comunicação. Porto Alegre, 2016. Vol. 23, nº2.

GOMES, W. **Estratégias de produção de encanto**: o alcance da poética de Aristóteles na cultura contemporânea. IN: Cadernos da Facom, UFba. Salvador, 1996.

LEMOS, A. **Mídia Locativa e Territórios Informacionais**. Espaço, tecnologia e identificação. Porto Alegre: Sulina, 2016.

MAFFESOLI, M. 1996. **No fundo das Aparências**. Vozes, 350 p. Rio de Janeiro-RJ.

PRYSTHON, A. **Imagens da Cidade**: Espaços Urbanos na Comunicação e Cultura Contemporâneas. POA. Sulina, 2006.

SANTAELLA, Lúcia. **A ecologia pluralista das mídias locativas**. IN: **Revista FAMECOS – Mídia, cultura e tecnologia**. v.15, n.37 . Porto Alegre, 2008.

COUTO, A. C. O. **A geografia do crime na metrópole**: da economia do narcotráfico à territorialização perversa em uma área de baixada de Belém. Papers do NAEA (UFPA), v. 1,

2009.

SOARES, R. L. **Margens da Paisagem: Cultura Midiática e Identidades Sociais**. IN: Comunicação e cultura das minorias. Raquel Paiva e Alexandre Barbalho (orgs). São Paulo: Paulus, 2009.

7 Sites Consultados

<http://cgp.cfa.org.br/ibge-divulga-as-estimativas-populacionais-dos-municipios-em-2016/>.
Acessado em: 10 Abril 2017

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/populacao_jovem_brasil/default.shtm.
m. <http://www.belem.pb.gov.br/historia/>. Acesso em 15 Abril 2017

<http://www.dieese.org.br/analiseped/jovens.html>. Acesso em: 25 abril 2017

<http://www.dieese.org.br/analiseped/ped.html>. Acesso em: 25 Abril 2017

<http://www.belem.pa.gov.br/semob/site/?p=3978>. Acesso: 26 de Abril 2014

<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2015/06/violencia-e-tema-de-audiencia-publica-em-belem.html>. Acesso em 05 Maio 2017